

POSITIVISMO, REPRESSÃO E EDUCAÇÃO

J. F. Regis de Moraes

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

1. INTRODUÇÃO

A história do nosso hoje é fundamental para o nosso amanhã. Em muitos escritos tenho abordado o perigo de cairmos numa **contemporaneidade radical** que, partindo os elos históricos, nos lance à mais profunda incompreensão de nós mesmos. E, ainda que muitos estudiosos, hoje tentem minimizar as marcas deixadas pelos valores positivistas na vida político-social brasileira, considero uma das autênticas fontes de nosso autoconhecimento a compreensão do papel do Positivismo (de origem francesa) em nossa história. De modo que, nas páginas que se seguem, procurarei refletir sobre algumas contradições que envolvem a política comtiana, como aquela segundo a qual o filósofo, afirmando abraçar a causa da Humanidade, posiciona-se de forma reacionária, em defesa da manutenção de uma ordem social injusta, na pregação de um elitismo preconceituoso e na justificação da repressividade policial-militar. Mais ainda: abordarei a maneira velada que Comte usou para situar a Educação como instrumento próprio da repressão social, procurando combinar a atividade policial e militar a curto prazo com a ação pedagógica a longo prazo para um mesmo fim.

No entanto, este artigo não deve ser entendido como desabrida execração de Auguste Comte e do Positivismo. Quantas vezes, na leitura dos textos comtianos, nos encantamos com a sua sinceridade de propósitos! Muitas outras vezes tivemos certeza de que o filósofo errava, sim, procurando acertar. Desejo que estas páginas sejam lidas na sua exata dimensão. Elas abordam alguns lados negativos do Positivismo francês e de sua influência em nossa realidade, não pretendendo, todavia, ter apresentado todas as potencialidades de pensamento do filósofo de Montpellier. Elas continuam uma antiga busca: a dos principais elementos que entraram na composição de nosso retrato social de hoje. São elas, por fim, — repetimos — mais um movimento às origens deste servilismo que nos sufoca, tolhendo **nossa palavra** na História das gentes livres e criativas.

2. AS QUESTÕES QUE PREOCUPAM — SEU DESENVOLVIMENTO

2.1. O Positivismo comtiano e outras posições do pensamento moderno

Desde o século XVII, Descartes fundamentou o critério da evidência (teórica e prática) na postura livre do sujeito pensante. E a

evidência, como garantia indiscutível da verdade, fez-se no fascínio do pensamento moderno. Para todos os cartesianos (Malebranche, Spinoza, Leibniz) e, mesmo, para grande parte dos pensadores do século XVIII, "O mundo era real na medida em que concordava com a autonomia racional do sujeito"¹. Contudo, quando Comte procura subordinar toda a atividade do pensamento à **verificação observacional** do sistema de circunstâncias, desloca o fundamento da evidência da autonomia do eu pensante para o que chamaríamos de sujeito da percepção. Com paciente análise vamos percebendo veladas intenções nesta luta por uma objetividade que, de algum modo, tende a aprisionar o sujeito no momento presente. Se Comte substitui os valores da especulação pelos da observação científica, isto ele o faz em extrema consideração à **ordem** e para evitar rupturas desta.

Como alguns autores fazem notar, o Positivismo (enquanto atitude filosófica) é bem anterior a Auguste Comte. Contudo, apenas para não retroceder demais, consideremos algo sobre o **positivismo iluminista**. Certamente que este acaba-se enquadrando no que o filósofo em pauta chamou de **filosofia negativa**. é claro que, naquele então, o positivismo racionalista dos representantes da ilustração foi revolucionário e, neste sentido, amplamente militante. Tratava-se não de fortalecer um desumano estado de coisas (absolutismo), mas de bradar contra ele e lutar, até a sua superação. O "ancien régime" personificava a negação da igualdade e da justiça, com o abismo que era mantido, a separar a nobreza e o clero altamente privilegiados, dos pobres e dos burgueses que mais arcavam com as responsabilidades produtivas e os deveres tributários. Erguia-se, o positivismo iluminista, em prol de uma ordem ideal e contra a ordem estabelecida. Percebemos nisto a seguinte orientação: negar a ordem vigente para se tornar possível o progresso. Vale dizer que os filósofos do Iluminismo, em elegendo a causa da Humanidade, elegeram-na de forma tanto mais sincera quanto mais abriram os olhos para as injustiças e opressões do seu tempo, desejando honestamente a superação da situação social que viviam, por dias em que **todos** os homens pudessem sentir-se membros de fato da decantada **comunidade racional**. Ora, não é preciso relembrar o quadro social do século XIX, no qual esteve integrada a figura de Augusto COMTE. O liberalismo econômico com sua doutrina do "deixar fazer" individualista, na qual a seleção natural (primado do mais forte) encontrou desumana expressão, os campos, sofrendo enorme "sangria" em sua vitalidade produtora em consequência da saída de inúmeras famílias fascinadas pelas cidades, que se industrializavam. Principalmente as cidades, pejudadas de problemas sociais (de habitação, de higiene, de desproteção do trabalhador e crises salariais) marcadamente a partir de cerca de 1835. A estas realidades servia de suporte o mencionado liberalismo, com todo o seu cortejo de absurdos e injustiças. E, — por mais estranho que pareça — COMTE elabora um pensamento conservadorista, reacionário, não descurando de imaginar o PROGRESSO, mas imaginando-o como inexplicável produto

da ORDEM vigente. Como explica Herbert MARCUSE: “Sera da necessidade proeminente de salvaguardar a ordem existente, a idéia de progresso impede o desenvolvimento físico, moral e intelectual, exceto naquelas direções que o **sistema de circunstâncias** estabelecido permite”². Aliás, este autor mostra-se radical em considerar a filosofia de COMTE um retrocesso, por haver ela abdicado às abordagens da economia política³.

A própria metafísica idealista, que no entender do filósofo do Positivismo, não passaria de um **estágio** intermediário em direção à máxima evolução do pensamento científico, mostra-se muito menos passiva em seu modo de encarar a realidade do que o próprio Positivismo. Preso aos cânones da **verificação**, o pensamento comtiano firmava-se receptivo, passivo, marcado ao fundo pela submissão ao dado observável; enquanto isto, o idealismo postulava um conhecimento no qual está necessariamente presente o valor da contribuição subjetiva. O sujeito contribui com certas qualidades que, em relação aos fatos, são apriorísticas⁴. Ainda mais que, a **razão idealista** é a **razão da liberdade**, que desconhece leis necessárias determinando a sociedade e levando o homem a desistir de reformas ou mudanças.

Quanto ao próprio século XIX, lembrar que nele viveram pensadores como Karl MARX e Friedrich ENGELS, um revolucionário estranho como NIETZSCHE ou um pensador religioso como LEÃO XIII, todos — do seu particular ângulo de visão — revelando maior ou menor desejo de contestação das injustiças sociais, ao contrário de COMTE que, repetimos, decidiu defender a ordem vigente a todo preço.

2.2. O grande equívoco entre realidade social e realidade física: suas conseqüências

A concepção newtoniana de um **universo de leis necessárias** estender-se-ia pelos séculos XVII, XVIII e XIX. A Idade Média, em seus aspectos gerais, imaginara como únicas leis para o universo os desígnios da Providência (como podemos constatar sobretudo em Anselmo e Agostinho). De modo que toda a realidade consistia na **atualização** dos pensamentos divinos, e o mundo, em conseqüência, era regido “de fora” pelas determinações transcendentais. No entanto, GALILEU, KEPLER e o próprio Isaac NEWTON foram descobrindo **leis internas** à Natureza segundo as quais a realidade se compunha e exprimia. NEWTON não tem dificuldade de estender as concepções das leis mecânicas a todo o universo, levando os contemporâneos e os pósteros a descrever da possibilidade de contingência para os fenômenos constantes do cosmos.

“A Física newtoniana”, escreve Norbert WIENER, “que dominara até fins do século XIX, com raríssimas vozes discrepantes descrevia um universo em que tudo acontecia precisamente de acordo com a lei; um

universo compacto, cerradamente organizado, no qual todo o futuro depende estritamente de todo o passado”⁵. Tal invariabilidade das leis físicas não só é, para COMTE, plenamente aceitável como plenamente transferível para os domínios dos fatos e relações sociais. Não será por outra razão que o pai do Positivismo francês vai principiar pela tentativa de estabelecer exatamente — e na própria expressão do filósofo — uma Física Social. Quanto a isto, COMTE expressa-se da seguinte forma: “A filosofia teológica e a filosofia metafísica nada mais dominam hoje em dia senão o sistema do estudo social. Elas devem ser expulsas deste último refúgio. Isto será feito, principalmente, pela interpretação básica do movimento social como **necessariamente sujeito a leis físicas invariáveis**, em lugar de ser governado por qualquer espécie de vontade”⁶. Com semelhante ponto de vista, COMTE contradiz a teoria dialética da sociedade, que entende ser, o meio social, tanto mais irracional quanto mais o entendemos movido por leis naturais, e não humanas.

É bem verdade que, se a Física lida com energias e forças, também a sociedade é um meio dinamizado por energias e forças sociais. Mas, trata-se de equívoco muito grosseiro conceber, por isto, as leis físicas como válidas para a interpretação desta coisa tão flexível, sutil e, às vezes mesmo, fugidia como é o relacionamento dos seres humanos. No entanto, por diversas vezes, COMTE aponta o chamado **dogma da invariabilidade das leis físicas** como sendo o mais legítimo fundamento do verdadeiro espírito do Positivismo.

A partir de semelhante posicionamento é que Augusto COMTE reflete sobre as diferenças entre as **leis positivas** e as **leis dialéticas**, entendendo estas últimas como expressões de uma imprópria **filosofia negativa**. Assim:

LEIS POSITIVAS

- a) São **afirmativas**, laborando em prol da ORDEM ESTÁVEL.
- b) Apresentam uma visão HARMÔNICA da ordem social.
- c) Mostram-se necessárias e invariáveis.

LEIS DIALÉTICAS

- a) São **negativas**, ameaçando a ORDEM que, com sua estabilidade, é precondição do PROGRESSO.
- b) Apresentam toda a sociedade como um palco de antagonismos de classes.
- c) Apresentam-se contingentes, como o próprio ser humano.

Mas cabe-nos perguntar: onde estará o bem e a justiça? na filosofia positiva ou na negativa? nem sempre o país da ordem é aquele de uma organização tal que promove a coletividade em seu sentido integral.

Seria tudo muito mais fácil se, realmente, pudéssemos igualar a realidade física com a social. Mas isto não leva a nada de relevante, como sucedeu a Augusto COMTE, bem como aos seus companheiros de reacionarismo BONALD e Joseph DE MAISTRE. Estes últimos foram contra-revolucionários que desacreditavam das possibilidades racionais do ser humano para transformar a vida em algo melhor, que descreiam da eficácia das potencialidades revolucionárias do homem como membro de uma sociedade⁷. E René VERDENAL informa-nos que: “Essa convicção levou COMTE a dar um curso de astronomia popular destinado a difundir a idéia de ordem, de hierarquia e de imutabilidade entre os seus ouvintes, na esperança de que a transferissem à própria sociedade”⁸.

Fica, assim, delineado, o equívoco básico do pensamento comtiano: a tentativa de copiar as leis mecânicas da física na realidade movediça das sociedades contingentes. Se leis necessárias governam o social, não nos cabe insurgir-nos contra as autoridades da ordem vigente, pois estas não se atualizariam sem a promoção das mesmas leis invariáveis. Como estas últimas, a ordem instituída mostra-se acima de “pedantes” revolucionismos. Destas concepções resultam conseqüências tais como: autoritarismo, o caráter totalitarista e repressor da política positiva, coisas que serão motivo de considerações posteriores.

2.3. O elitismo e a apologia da repressão

Talvez seja lícito entendermos COMTE, contextualizando suas posições públicas em sua própria história pessoal. Mais do que lícito, talvez seja este o caminho realmente humano para que o compreendamos. Foi ele alguém que experimentou o paroxismo do desnorreamento depressivo e, aos 28 anos, a perda temporária da razão e que, por isto pode ter tendido a generalizar a instabilidade e o desnorreamento sociais como também sintomas de demência coletiva. Destarte, quem sabe nos seria mais fácil compreender sua quase “fobia” pelo mutável e sua “mania” de ordem? Augusto COMTE temeu inovações ao ponto de estabelecer para si o que chamou de “higiene cerebral”: não se inteirar de novas obras a partir dos seus 30 anos de idade, numa desesperada fuga à **ciência movediça**, que ia tendendo à interdisciplinaridade e, portanto, ameaçando a **ordem hierárquica** do saber por ele elaborada⁹.

Na verdade, tudo isto tem um pano de fundo. As convulsões do terrorismo acontecido na Revolução Francesa, puseram nos intelectuais do século XIX (não em todos, está claro) um medo concreto de novas catástrofes históricas. Aparentava que a ira revolucionária apenas adormecera; COMTE, sofrendo este mal-do-século, propôs-se então a erradicar definitivamente esta ira ainda ressonante. Principia a sua “cruzada” de modo lúcido, sem confundir conservadorismo com reação. Mas, bem

ao depois, termina por confundir as coisas e se mostra reacionariamente elitista, defensor ferrenho da validade extrema (ainda que **provisória**, em sua visão) da repressão militar e policial. Ora, é o próprio COMTE quem acabará por se propor insistentemente como o **líder intelectual e mentor espiritual** (Sumo Sacerdote) de uma NOVA ERA. Escreve o filósofo em análise: “Quão doce é obedecer quando podemos desfrutar da felicidade de estarmos desobrigados, por dirigentes sábios e ilustres, da responsabilidade premente da direção geral da nossa conduta”¹⁰. Com tais palavras, o positivista se refere imediatamente às autoridades instituídas e, indiretamente, a si mesmo, cuja figura já se vinha delineando há muito como o novo **Papa intelectual** do século passado.

O que se torna mais obscuro (ou contraditório mesmo) é que: à medida em que COMTE assenta sua filosofia política no assentimento das vontades individuais livremente manifestas, prega também a irrestrita obediência ao **comando** das autoridades. E nisto está ele em bem piores condições do que a própria sociedade feudal teocêntrica da Idade Média, onde encontramos Martinho LUTERO e SAVONAROLA discutindo, em escritos, com espíritos claros, sobre o **direito de revolta** dado ao ser humano por Deus. COMTE desenvolve uma teoria positiva da autoridade e se torna “o líder ditatorial de uma seita de cegos adeptos. Este foi o primeiro fruto da injúria à razão na filosofia positiva”¹¹. O **elitismo platônico** deste pensador leva-o à colocação segundo a qual a Humanidade necessita de líderes e diretores, não só no que concerne à ordem material, mas sobretudo no respeitante à ordem intelectual. O referido elitismo manifesta-se de maneira totalitária inclusive no campo da Ciência, pois Augusto COMTE realizou grande esforço para elaborar um **método fundamental**, ao qual todas as atividades científicas ficassem adstritas. Ele seria o batador dos caminhos gerais, em mais uma de suas manifestações sub-reptícias de totalitarismo intelectual.

Contudo, a mais nítida expressão do elitismo paternalista comtiano é a seguinte passagem do seu **Catecismo Positivista**: “O regímen público consiste todo ele, minha filha* (sic!), em realizar dignamente esta dupla máxima: **Dedicação dos fortes pelos fracos; veneração dos fracos pelos fortes**. Nenhuma sociedade pôde perdurar si os inferiores não respeitarem os superiores” (sic!)¹². E o filósofo prossegue decantando a obediência, a manutenção da paz ordeira, até que escreve: “... si bem que o orgulho revolucionário deplóre o pretendido servilismo de nossos antepassados, que sabião amar seus chefes” (sic!)¹³.

Como foi muito comum aos pensadores otimistas do século passado, Augusto COMTE atribuir à Educação um papel definitivo. Esta

(*) O **Catecismo Positivista** é desenvolvido em forma dialógica.

medida era absolutamente indispensável a que se pudesse entender o papel **provisório mas necessário** da repressão policial. Assim: as forças policiais e militares desenvolveriam sua atividade provisoriamente, enquanto a Educação inspirada em novo espírito positivista preparasse os tempos em que a **anuência dos cidadãos à ordem** fosse intelectual e não imposta pela força física. Uma vez reeducados os homens ou educadas as novas gerações para a obediência, a repressão mais grosseira naturalmente far-se-ia desnecessária. Veja-se então que, mais grave do que justificar a imposição do mais armado ao menos armado, é a idéia comtiana de que a Educação sistemática teria como missão a estrita preservação da **ordem**. O filósofo em referência fala de imaginação e criatividade, mas é hábil em situar ambas no interior das fronteiras da mencionada ordem social. Tudo muito parecido com aquele velho exemplo do indivíduo que está no interior de um portentoso transatlântico e se sente com muito espaço à disposição e com muita liberdade, até que chega ao convés e vê todo um oceano de impossibilidades limitando e restringindo a sua liberdade.

Curioso é notarmos que A. Comte dedica bastante do seu pensamento ao tópico: a **educação do proletariado**. O filósofo coloca a idéia de que a solução do problema social não pode ser **revolucionária e empírica**, pelo tanto que isto tem de emocional e desnortado; mas que tal solução deve ser **racional e pacífica**, promovida pela Educação sistematizada. Mas ... “enquanto o Seu Lobo não vem ...”, compete aos militares e à polícia conduzir para o reduto da ordem o renitente rebanho dos ainda incultos, pouco racionais e — por isto mesmo — pouco pacíficos. De tal sorte que, uma ação combinada entre duas realidades completamente incompatíveis (polícia e educador), haveria de fabricar a tediosa sociedade dos obedientes.

Leve-se ainda em conta que Comte concebeu uma visão bastante elitista da **educação proletária**, tanto que elaborou uma espécie de enciclopédia intitulada Biblioteca do proletário no século XIX, a respeito da qual comenta, parece-nos que candidamente, Ivan Lins: “... tão rica e variada, que raros são os intelectuais de nossos dias que se podem gabar de havê-la lido e assimilado em todas as secções que a compõem”¹⁴.

Agora, retornando à questão do policiamento militar. Quanto à provisoriabilidade da repressão sobretudo policial, qualquer inteligência razoavelmente dotada e conhecedora de um pouco de História a saberia impossível, a partir da perpetuação da mesma ordem de coisas que tornou conflituos e irados os homens. Talvez com a mudança da ordem vigente (referimo-nos à mudança da ordem em seu sentido muito global e não apenas a mudanças de regimes e governos) para outra de suprimento justo das necessidades humanas, a pressão da força se tornasse obsoleta. Isto nos parece o razoável.

Conforme costumava dizer e escrever o Prof. Cruz Costa, até com certo tom pitoresco, no Brasil o Positivismo **deu de galho**. Sofreu transformações, adaptações, estranhas combinações de religião positivista com filosofia e ética, mas ... **deu de galho**. Não adianta hoje estar como que na moda negar grande influência do Positivismo sobretudo em nossa vida política, porque o sistema educacional brasileiro e o arcabouço de pensamento político-militar aí estão numa tranqüila demonstração de que somos, em nossa vida social, muito marcados pelos valores positivistas. Talvez por isto sejamos uma sociedade que repete as outras e que se repete, tangida para o interior do círculo da **ordem** por interesses alienígenas, nacionais e também pelos sulcos profundos de uma formação amestradora. Sim, porque as idéias de Comte sobre a repressão foram colocadas com tal habilidade que lograram influenciar até costumeiros opositores do referido filósofo, como foi o caso de Carlos de Laet. "Transportemo-nos, pela imaginação (discorre Laet) aos tempos em que num desfiladeiro da antiga Hélade se encontraram, de ferro em punho, e disputando-se o passo, Laio, o inditoso rei de Tebas e seu filho Édipo, ainda mais inditoso. Se, naquelas angústias, e quando mais se encruava o duelo, alguém, um de nós, estivesse presente e fizesse ouvir o trilo de um apito, nenhum dos combatentes nos percebera o intento. Seriam precisas muitas palavras para lhes explicar que éramos utopistas e que antevíamos o mecanismo de uma **polícia**, isto é, de uma criação social para evitar que os homens se degolem à vontade. Pois bem, o que eu e outros esperamos é que chegue um dia em que se crie a polícia internacional, e nesse dia não mais se mancharão os desfiladeiros com o sangue dos irascíveis"¹⁵.

2.4. A conexão entre ordem e progresso (estática e dinâmica sociais) resulta em uma estática social

Escreve Marcuse: "... a idéia de progresso avulta na Sociologia de Comte — mas as leis do progresso são parte do mecanismo da ordem estabelecida, de modo que esta progride suavemente para um estado mais alto, sem ter de começar por ser destruída"¹⁶. Ora, no momento em que o filósofo positivista estabelece como parâmetros de interpretação dos momentos históricos: a) a **idade da Humanidade** e b) o **sistema de circunstâncias**, implanta um relativismo que se fará em mais um instrumento de justificações de outra sorte impossíveis. Referimo-nos ao fato de que, relativamente a estes parâmetros, podemos concluir pela validade de todos os regimes e governos, que são entendidos como provisórios, modificando-se com os avanços do intelecto geral. Resguardando, por exemplo, "sua" nova Ciência, Comte ensina que a Sociologia

não deve ser **normativa**, mas apenas diagnosticamente; que não deve admirar ou ordenar os fatos políticos e outros, mas tão-só deve estudá-los objetivamente e assim considerá-los. De fato, o **dever ser** se prende às considerações éticas, mas, que atividades humanas estão desobrigadas de considerações de valor? Atualmente, quando o Sociólogo diagnóstica, tem o Assistente Social como “fármaco” que deve aplicar os remédios aos males da sociedade. Mas ao tempo de Comte este profissional não existia. Logo, fugir à normatividade e à práxis traduzia cômoda posição ante os poderes instituídos. Se é verdade que o ser humano se afirma enquanto critica, andaria mal parada a **civilização dos obedientes** idealizada pelo criador do Positivismo.

Neste item (2.4.), gostaríamos de voltar a considerações sobre o que os positivistas chamaram **integração do proletariado na sociedade moderna**. Analisemos esta coisa desde o princípio ! Eis o programa:

“1º) a possibilidade de sustentar cada qual sua família, dispondo da propriedade exclusiva de todos os objetos de que, em companhia dos seus, se serve, inclusive o domicílio; 2º) o estabelecimento de um vasto sistema de educação proletária, abrangendo todas as noções essenciais das ciências, das boas-letas, das belas-artes, da filosofia e da história, de modo que permita a todos os homens, sem distinção, o pleno desenvolvimento da vida espiritual; 3º) a organização de um sistema político e social em que o proletariado, erigido em esteio da opinião pública, fiscaliza, em colaboração com os intelectuais, o exercício do poder e a administração da riqueza, preservando, nas relações internacionais, a manutenção da paz”¹⁷.

De um ponto de vista ideal, é uma forma salutar de conceber a integração do proletariado. Mas se o progresso tinha que ser pensado nos termos da ordem vigente no século XIX (que era a ordem da burguesia) essa classe inquietante e problemática (proletariado) acabaria necessariamente tendo os seus direitos esmagados. Existirá um modo de se contemplar este emaranhado de contradições sem uma perplexidade quase irritante? Se existisse, nós o ouviríamos humildemente de quem quer que fosse, pois queremos apenas nos esclarecer.

O criador do Positivismo elabora uma “teoria da união necessária do cérebro com a mão” (dos superiores dirigentes, com os inferiores que só podem ser dirigidos). Nesta teoria estabelece em linhas claras sua hierarquia elitista e aborda o tema da harmonização das relações industriais através da irrestrita obediência dos inferiores operários¹⁸. De modo que é, no mínimo, muito esquisita a sua forma de abraçar a causa da Humanidade. Tanto mais que Marcuse, analisando as obras de Comte, retira dali uma reacionária defesa da **resignação** como modo dos povos suportarem com dignidade os **males necessários** (expressão tão abrangente quanto traduzível de várias formas)¹⁹.

E, deste modo, percebemos a escamoteação do progresso e, em consequência, a apologia de uma ESTÁTICA SOCIAL.

3. CONCLUSÃO

Dizia eu a um amigo que estava fazendo um breve estudo sobre **Positivismo, repressão e educação**. Ele disse: "Ainda ... ?" Senti-me violentamente remetido à vitrina de um museu. Mas, procurando saber, em conversações concretas, e objetivas com educadores, qual o grau de consciência quanto às intervenções do esquema conceptual de valores do Positivismo em nosso cotidiano, vi que o assunto não estava assim esgotado. Aliás, aquilo que se vive no cotidiano é do que se tem menos consciência. Diz um professor que se o homem habitasse o fundo do mar, provavelmente a última coisa que este descobriria seria a existência da água. E as trapaças do óbvio nos levam de cambulhada.

Ainda temos quem faça leituras bem mais simpáticas a Augusto Comte — como era o caso recente de Ivan Lins e de Renato Barboza Rodrigues Pereira, para dar dois exemplos. Mas desde o século passado, aqui mesmo no Brasil, figuras como Farias Brito e Sylvio Romero combatiam as idéias positivistas à exaustão. No presente século das mudanças vertiginosas da sociedade, Comte encontra um número ainda maior de contestadores; mas é importante lembrarmo-nos de duas coisas: a) de que os intelectuais apenas contestam o filósofo de Montpellier, e não são os intelectuais que dirigem a vida política, como sonhou um dia Platão; b) também de que, o positivismo das cabeças passou para a própria mecânica das organizações e instituições, ao ponto destas muitas vezes se mostrarem faceiramente inovadoras e burocrática e legislativamente positivistas.*

Não. Num país onde o Positivismo **deu de galho**, ainda não é demasiado que nos dediquemos, periodicamente, a alguma auto-análise. Olhemos a estruturação das nossas famílias, as nossas relações religiosas, nosso afã educacional etc. Confessemos os velhos vícios que nos subverteram. Este é o princípio para alguma renovação.

(*) Conduzimos nossa reflexão relacionando a realidade brasileira com o Positivismo francês, porque ainda não estamos convencidos do ponto de vista do Prof. Vami-reh Chacon, segundo o qual o Positivismo inglês (de Herbert Spencer) tenha influído muitíssimo mais sobre a referida realidade. Convivi, há tempo, com políticos e militares de destaque nacional e, já naquela época, os percebi marcadamente comtianos — o que me levou a estudos posteriores que não confirmaram de todo a tese de Chacon.

BIBLIOGRAFIA

- LINS, Ivan., **Perspectivas de Augusto Comte**, Rio, Livraria São José, 1965, 278 pp.
- ROMERO, Sylvio., "O positivismo em suas idéias capitais", in **Obra Filosófica**, Rio, José Olympio/EDUSP, 1969, 712 pp. Introdução e seleção de Luís Washington Vita.
- GARDINER, Patrick., **Teorias da história**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, 679 pp., tradução e prefácio de Vítor Matos e Sá.
- MARCUSE, Herbert., **Razão e revolução**, Rio, Ed. Saga, 1969, 411 pp. Tradução de Marília Barroso.
- VERDENAL, René., "A filosofia positiva de Augusto Comte", in **A Filosofia e a História**, Rio, Zahar Ed., 1974, 345 pp. Tradução de Guido de Almeida.
- COMTE, Augusto., **Catecismo Positivista**, Rio, Apostolado Positivista do Brasil, 1934, 497 pp. Tradução de Miguel Lemos.
- COMTE, Auguste., **Cours de philosophie positive**, Vol. IV, Paris, Librairie J. B. Baillièrre et fils, 1877, 4^{ème}. édition.
- BRAGA, Theophilo., **Traços geraes de philosophia positiva**, Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1877, 239 pp.
- WIENER, Norbert., **Cibernética e sociedade**, São Paulo, Ed. Cultrix, 1970, 190 pp., tradução de José Paulo Paes.

NOTAS

- (1) Herbert MARCUSE, **Razão e revolução**, p. 316.
- (2) *Ibidem*, p. 317.
- (3) *Ibidem*, p. 307.
- (4) *Ibidem*, p. 309.
- (5) **Cibernética e sociedade** p. 9.
- (6) Augusto COMTE, **Discours sur l'esprit positif**, p. 17, citado por H. MARCUSE em **Razão e revolução**, p. 310. (grifos nossos).
- (7) Herbert MARCUSE, **Razão e revolução**, pp. 310-311.
- (8) René VERDENAL, "A filosofia positiva de Augusto Comte", in François CHÂTELET, **A filosofia e a história**, p. 219.
- (9) *Ibidem*, pp. 214, 217 e 218.
- (10) Augusto COMTE, **Cours de philosophie positive**, vol. IV, p. 439.
- (11) Herbert MARCUSE, **Razão e revolução**, p. 309.

- (12) A. COMTE, *Catecismo Positivista*, p. 358.
- (13) *Ibidem*, p. 358.
- (14) Ivan LINS, *Perspectivas de Augusto Comte*, p. 157.
- (15) *Ibidem*, p. 160.
- (16) Herbert MARCUSE, *Razão e revolução*, p. 313
- (17) Ivan LINS, *Perspectivas de Augusto Comte*, p. 159
- (18) A. COMTE, *Cours de philosophie positive*, Vol. IV, p. 152.
- (19) Herbert MARCUSE, *Razão e revolução*, p. 311.